



# GERENCIAMENTO DO TEMPO NA ERA DA TÉCNICA: REFLEXÕES À LUZ DO PENSAMENTO HEIDEGGERIANO

*Management of Time in the Age of Technique: Reflections in the light of  
heideggerian thought*

JANETE DE PAIVA BORGES\*  
(UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE)

*Gestión del tiempo en la era de la técnica: Reflexiones a la luz del  
pensamiento heideggeriano*

ROBERTO NOVAES DE SÁ\*\*  
(UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE)

**Resumo:** Este artigo tem como propósito aprofundar a discussão acerca do fenômeno designado como “gerenciamento do tempo”, a partir das ideias heideggerianas que circundam a expressão cunhada por ele de “Era da Técnica”. Destaca-se; em particular, as reflexões do filósofo sobre o pensamento calculador (operacional, pragmático e apartado da reflexão do que é mais próprio e originário da experiência de ser-no-mundo), o sentido da ocupação e as disposições afetivas angústia e tédio. Busca-se compreender a relação entre o modo de vida atual, caracteristicamente acelerado e superficializado, a reificação de uma apregoada necessidade e pretensa habilidade de “gerir o tempo” e o esquecimento da vivência da temporalidade como fluxo existencial. Pretende-se, simultaneamente, refletir criticamente, sobre as mudanças, implicações e impactos advindos das novas configurações sociais produzidas por este modo de pensar, cujos alicerces parecem assentar-se na concepção moderna de tempo enquanto medida e produto.

**Palavras-chave:** Gerenciamento do Tempo; Ocupação; Angústia; Tédio.

**Abstract:** This article aims to deepen the discussion about the contemporary phenomenon called “time management”, from the Heideggerian ideas that surround the expression coined by him of “Era of the Technique”. It stands out; in particular, the philosopher’s reflections on calculating thought (operational, pragmatic and detached from the reflection of what is more proper and originating from the experience of being-in-the-world), the sense of occupation and the affective dispositions anguish and boredom. It seeks to understand the relationship between the current way of life - characteristically accelerated and superficial, the reification of a proclaimed need and pretense ability to “manage time” and the forgetting the experience of temporality as existential flow. It is intended, at the same time, to reflect critically on the changes, implications and impacts arising from the new social configurations produced by this way of thinking, whose foundations appear to be based on the modern conception of time as measure and product.

**Keywords:** Time Management; Occupation; Anguish; Boredom.

**Resumen:** Este artículo tiene como propósito profundizar la discusión sobre el fenómeno contemporáneo denominado “gestión del tiempo”, a partir de las ideas heideggerianas que circundan la expresión acuñada por él de “Era de la Técnica”. Se destaca; en particular, las reflexiones del filósofo sobre el pensamiento calculador (operativo, pragmático y apartado de la reflexión de lo que es más propio y originario de la experiencia de ser en el mundo), el sentido de la ocupación y las disposiciones afectivas angustia y aburrimiento. Se pretende, al mismo tiempo, reflexionar críticamente, sobre los cambios, implicaciones e impactos que vienen de las nuevas configuraciones sociales producidas por este modo de pensar, cuyos cimientos parecen asentarse en la concepción moderna de tiempo como medida y producto.

**Palabras clave:** Gestión del Tiempo; Ocupación; Angustia; Aburrimiento.

\* Doutora em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense. Email: psicjan@yahoo.com.br. Orcid: 0000-0002-9708-7434

\*\* Doutor em Psicologia, Professor do Instituto de Psicologia da Universidade Federal Fluminense. Orcid: 0000-0003-0716-5927



## Introdução

O debate sobre a questão do tempo no que tange à busca pela apreensão de seu sentido e da concepção dos modos de se “lidar” com ele; assim como com os afetos que suas marcas imprimem no existir humano está presente nos diálogos cotidianos mais triviais, nas práticas do senso comum e na descrição da pré-compreensão mediana da experiência da temporalidade, persistindo através da história.

Cada um de nós utiliza cotidianamente a expressão “tempo” no contexto de praticamente todo tipo de atividade que desenvolve, incluindo o “fazer nada” que já é, por certo, um fazer. Da mais simples proposição usada para dar início a uma conversa; passando pela lembrança de antigas memórias vividas no encontro com velhos amigos; pela sensação de ter “perdido tempo” e a vontade de “recuperá-lo”; até as discussões mais nostálgicas sobre nossa inexorável finitude; referimo-nos ao tempo o *tempo* inteiro. Poetas, filósofos, físicos, teólogos, astrônomos, agricultores, antropólogos e leigos o citam, pesquisam, investigam, avaliam, culpam, contam, medem, esperam por ele, contam com ele. Até concessões lhe fazemos, quando recomendamos a alguém em profunda desesperança: “Dê tempo ao tempo”. Ainda assim, apesar de “velho conhecido”, o tempo permanece uma incógnita.

Incontáveis são as conjecturas, pesquisas e tentativas de elucidação produzidas até hoje sobre o mistério do tempo. Quanto a nós, direcionaremos nossa atenção, neste artigo, à questão do “gerenciamento do tempo”, expressão curiosamente sintomática e reveladora de um modo específico de relação com o tempo que o toma como produto e instrumento de uso. Este tipo de relação utilitária com os entes é próprio da Era da Técnica<sup>1</sup> e encontra-se perfeitamente afinado com o pensamento calculador, que nela predomina, a partir do solo de compreensão heideggeriano, que nos confere suporte.

Por uma perspectiva histórico-filosófica, a busca pela compreensão dos mistérios que envolvem a questão da temporalidade é bastante antiga. Apesar da digressão conceitual e histórica do conceito de tempo não ser o foco da presente discussão, podemos recuar algumas centenas de anos e, a título de exemplo, demonstrar a antiguidade da questão com uma célebre citação de Santo Agostinho. Ela surge com relativa frequência em diversos tratados sobre a temática. Além da obra do teólogo exercer comprovada influência sobre Heidegger, a passagem é, sem dúvida, uma das mais expressivas enunciações sobre a sutileza do paradoxo que envolve a discussão e a compreensão do tempo no contexto da vida humana:

Haverá noção mais familiar e mais conhecida usada em nossas conversações? Quando falamos dele, certamente compreendemos o que dizemos; o mesmo acontece quando ouvimos alguém falar do tempo. Que é, pois, o tempo? Se ninguém me pergunta, eu sei; mas se quiser explicar a quem indaga, já não sei (Agostinho, 2015, p.118).

O desejo de compreender este existencial, enquanto horizonte de questionamento para explicitar fenomenologicamente o ser, é expresso com a mesma veemência com que o teólogo admite a dificuldade de tal empreendimento: “Permite-me, Senhor, que eu leve adiante minhas investigações [...]; faz que minha tentativa não seja perturbada. Se o futuro e o passado existem, quero saber onde estão (Agostinho, 2015, p.119).

Não é por termos nos havido desde sempre com o tempo, contudo, que poderíamos considerar, de modo irrefletido, que a temática possui conotação meramente contingencial ou mesmo que já se tenha discutido o suficiente sobre ela. Tal concepção equivaleria a um dar de ombros para a possibilidade de revisitar este fenômeno com franca disponibilidade e coragem. Abandonaríamos, assim, a perspectiva sempre aberta de nos interrogarmos sobre os impactos deste modo histórico contemporâneo de relação do homem com a temporalidade; suas implicações e ressonâncias em nosso próprio percurso existencial. Conforme Bauman (1999, p.7): “Questionar as premissas supostamente inquestionáveis do nosso modo de vida é provavelmente o serviço mais urgente que devemos prestar aos nossos companheiros humanos e a nós mesmos”.

É este, portanto, nosso objetivo com as reflexões que se seguem: Questionar e incitar à formulação de outras tantas interrogações acerca da experiência de sermos tomados pela ocupação cotidiana, enquanto propomos explicitar um pouco mais a vivência da temporalidade no contemporâneo.

## O Pensamento Heideggeriano sobre a Temporalidade

Entre as tantas modalidades de experiência que a nova relação do homem com o tempo delineou na pós-modernidade, observamos, em relevo, a primazia da atenção voltada para aspectos superficiais e fugi-

<sup>1</sup> “Era da Técnica” é uma expressão cunhada por Heidegger para descrever o modo histórico de desvelamento da experiência do homem no mundo na atualidade.



dios da existência. Tal fator favoreceu o estabelecimento de relações fluidas e descartáveis; especialmente do homem com ele próprio, no que tange ao esquecimento de si. E se, porventura, alguma ponderação houvesse acerca da pertinência das contribuições do pensamento de Heidegger, ocupado que estava com a ontologia do ser, para a discussão de um fenômeno aparentemente tão positivista e ôntico quanto o gerenciamento do tempo, a reflexão do filósofo reproduzida a seguir poderia perfeitamente bem amainar tal desconfiança, colocando em relevo aproximações muito profícuas entre sua obra e nossa discussão. Em notável vaticínio, ele afirma:

Quando qualquer acontecimento em qualquer lugar e a qualquer tempo se tiver tornado acessível com qualquer rapidez; quando um atentado a um Rei na França e um concerto sinfônico em Tóquio poder ser “vivido” simultaneamente; quando tempo significar apenas rapidez, instantaneidade e simultaneidade e o tempo, como História, houver desaparecido da existência de todos os povos [...], então, justamente então – continua ainda a atravessar toda essa assombração, como um fantasma a pergunta: para quê? para onde? e agora? (Heidegger, 1953/1987, p. 64,65).

A coesão do pensamento heideggeriano leva-nos a considerar que outra indagação dele (1929/2003, p. 92) poderia, muito a propósito, complementar e “confrontar” as anteriores: “Mas quem estará inclinado a falar desta maneira, onde o trânsito mundial, a técnica, a economia se apossam dos homens e os mantêm em movimento?” Depreende-se, deste modo, que é provável, em maior ou menor grau, pressentir os perigos e efeitos da cegueira vigente quanto à supremacia da técnica na atualidade, ao passo que tendemos, igualmente, a olvidar tal destino, estando já submissos e aparentemente dominados por ela.

A obra heideggeriana estabelece uma estreita relação da ontologia com a temporalidade e volta seu curso para a decisiva pergunta sobre o sentido do ser no horizonte da temporalidade, insistindo sobre o valor do tempo como fundamento estrutural da existência. O pensador ocupou-se, preliminar e cabalmente, em contrapor a concepção do tempo, oriunda de uma abordagem lógico-cronológica (mais especificamente o tempo/movimento da física, amparada na realidade imediata) ao sentido ontológico-existencial da temporalidade. O cerne de sua discussão residia, sobretudo, em compreender a determinação ôntica que embasa a questão da finalidade e do passar do tempo, em que se sucedem os acontecimentos e fatos históricos (e que privilegia a quantidade e a medida, objetos das ciências naturais). Com igual empenho, ocupava-se de uma análise do sentido deles no fluir do tempo, para a determinação do ser enquanto tal – o que, interessa, prioritariamente, à perspectiva ontológica.

Em relação à determinação ôntica, por exemplo, na obra “Que é uma coisa?”, Heidegger (1962/1992, p.98), já acenava para os “nomes para novas determinações fundamentais que agora se introduzem no modo de considerar a natureza e que denunciam uma surpreendente ressonância do econômico e do «cálculo» do sucesso”. E observava, ademais, que “tudo isto se realiza no interior da atitude matemática fundamental e de acordo com ela.”

Na perspectiva ontológica, Heidegger debruça-se sobre a questão do sentido do ser e contempla, com rigor, o debate sobre a tonalidade afetiva do tédio. Considera que o “profundo tédio que se arrasta para lá e para cá”, experienciado de modo amplo na Era da Técnica, é derivado da “intensificação da fuga, do equívoco e da ausência de direcionamento” e, ainda, segundo afirma, também por uma indiferença que não se pode explicar. O tédio surge como “tonalidade afetiva fundamental” e é relacionada, de modo estreito, com o tempo: “O tédio indica de forma quase palpável uma relação com o tempo: um modo como nos colocamos diante do tempo, um sentimento de tempo” (1929/2003, p.92; 97).

De tal feita, a relação do homem com o tempo, na cotidianidade mediana, afigura-se incongruente e insólita: A cada vez que *sobra* ou se *tem* tempo *livre*, procura-se ocupar-se de algo com a finalidade de “*matá-lo*” ou “*passá-lo*”. Parece-se estar, sugestiva e curiosamente, diante da insuportabilidade de “possuir” algo a partir do qual e com o qual *nada* se possa *fazer*. O fenômeno da ocupação serviria supostamente, neste modo de relação com a temporalidade, como forma de *preencher, gastar e ou eliminar* o tempo – o *mesmo* que, de outra feita, se quer *poupar*, com o intuito de se *fazer* com ele e ou *produzir* nele, “algo”. Uma descrição que soa, minimamente, tautológica e de fundamento contraproducente, contraditório ou paradoxal. Quanto a isso, o pensador interroga:

De que maneira nos evadiremos do tédio, no qual nós mesmos dizemos que o tempo se torna longo para nós? [...] estarmos todo o tempo, consciente ou inconscientemente, empenhados em passar o tempo, de acolhermos com simpatia as ocupações mais importantes e essenciais, mesmo que somente para que elas preencham o nosso tempo. Quem negará isto? (Heidegger, 1929/2003, p.95).

O modo capitalista de gerir a vida (que impera através do pensamento calculador), em paralelo a esta urgência para se evadir do tédio, aliado à pressão e avidez pela fuga por intermédio da ocupação, parecem associar-se convenientemente para impulsionar a indústria do ensino/aprendizado de um controle que garanta a competência de *gerenciar* o “próprio” tempo. Entrementes, a reflexão sobre o sentido de uma historicidade



fluida, quando preterida ou desconsiderada na Era da Técnica, remete-nos a pensar no que Latour denomina a “maior esquisitice dos modernos – a ideia de um tempo que passaria irreversivelmente e que anularia, atrás de si, todo o passado”. E que, por derradeiro, deixaria em seu rastro tão somente “prolongamentos de práticas, acelerações na circulação dos conhecimentos” (Latour, 1994, p.51,52). Neste palco, para ele, “a Constituição moderna acelera ou facilita o desdobramento dos coletivos, mas não permite que sejam pensados”. O que restaria, portanto, seriam apenas “instantes sem referências”:

Por que a Constituição moderna nos obriga a sentir o tempo como uma revolução que deve sempre ser recomeçada? Porque ela suprime as origens e os destinos dos objetos da Natureza e porque faz de sua súbita emergência um milagre [...] o tempo moderno é uma sucessão de aparições inexplicáveis elas mesmas devidas à distinção entre a história das ciências e a das técnicas e a história pura e simples (Latour, 1994, p.69).

No que tange ao distanciamento existente entre a análise do sentido do tempo na existência humana e a abordagem física (movimento/realidade imediata), observamos no pensamento de Latour, ao distinguir entre tempo e temporalidade (representando esta as distintas e possíveis interpretações acerca da passagem do tempo) uma perspectiva bem próxima à fenomenológica existencial heideggeriana:

O tempo nada tem a ver com a história. É a ligação entre os seres que constitui o tempo. É a ligação sistemática dos contemporâneos em um todo coerente que constituía o fluxo do tempo moderno [...] O tempo que o calendário marca situa claramente os acontecimentos em relação a uma série regular de datas, mas a historicidade situa os mesmos acontecimentos em relação à sua intensidade (1994, p. 76; 67).

De tal modo, o tempo, na visão do pensamento calculador, dispensa o sentido da fluidez da existência em que se projeta o ser-no-mundo-com-o-outro, alocado que está na categoria de mais um ente simplesmente dado qualquer, com o qual o homem deva se relacionar, preponderantemente, em razão da funcionalidade e utilidade pragmáticas de suas “unidades-medida”. Nestas caberiam outras tantas unidades de atos realizados e ou objetos produzidos. E a própria produção desenfreada parece, cada vez mais, conclamar a si mesma por mais re/produção, ainda que aleatória e alienada do contexto de relação existencial do ser consigo mesmo em seu processo histórico e no cenário singular em que ele se dá. Conforme pondera Duarte (2010, p.37): “Em meio ao abandono do ser, o próprio homem é trazido à situação da servidão incondicionada, no sentido de que ele próprio tornou-se um escravo ou um funcionário da própria serventia tecnocientífica”.

É importante frisar que Heidegger, na conferência “O que quer dizer pensar?” (e assim o fez em outros escritos) esclarece que tal debate...

nada tem a ver com a ciência e, sobretudo, se a discussão tiver o direito de ser um pensamento. A [...] ciência não pensa porque, segundo o modo de seu procedimento e de seus recursos, ela jamais pode pensar – a saber, pensar segundo o modo dos pensadores. Que a ciência, porém, não possa pensar, isso não é uma deficiência e sim uma vantagem. Somente esta vantagem assegura à ciência a possibilidade de, segundo o modo da pesquisa, introduzir-se num determinado domínio de objetos e aí instalar-se. (Heidegger, 1952/2006, p.115).

Não seria de surpreender, pois, que o pragmatismo e o imediatismo quanto ao uso do “produto” tempo se conformem às regras de produção e consumo que vigoram no capitalismo e nas relações entre os homens e a vivência do tempo na Era da Técnica – nem mesmo que a ilusão cientificista se ocupe de conferir ao “gerenciamento do tempo” estatuto de cientificidade por intermédio do uso de modelos baseados em parâmetros lógico-matemáticos. Heidegger inquiria, todavia, se fenômenos tais como o tempo poderiam, a exemplo de outros “objetos de estudo”, estarem subordinados ou deveriam se render à análise das ciências naturais pelo método experimental, sem o aniquilamento do que lhe é originalmente constitutivo. “Completamente matematizado, o tempo torna-se a coordenada t, ao lado das coordenadas espaciais x, y, z. Não é reversível – o que constitui a única referência ao tempo que se opõe a uma matematização definitiva” (Heidegger, 1929/ 2003, p. 63).

Não é extemporâneo, portanto, que o empenho na pesquisa e na implementação de métodos para possibilitar a execução do maior número possível de atividades em um período de tempo cada vez mais reduzido seja fenômeno amplamente passível de constatação em nosso cotidiano. Uma busca, mesmo superficial, ao derredor, evidenciará o grande volume de produtos, movimentos e processos que propagandeiam a rapidez e velocidade como seus diferenciais: comidas e mensagens instantâneas, leituras dinâmicas, comercialização de aparelhos que substituem outros em curtíssimo espaço de tempo e cuja vantagem consiste, em boa parte das vezes, unicamente em prover uma velocidade de operação minimamente superior à anterior; promessas de agilidade nos atendimentos por prestadoras de serviço – a despeito de haver ou não qualidade nos mesmos e uma infinidade de outros exemplos.



A singular pressa de nossos dias é reproduzida em diversos bordões, especialmente no mundo laboral – estendendo seus impactos, no entanto, a todos os domínios da vida humana: “correr contra o tempo”; “estar à frente do seu tempo”, desenvolver estratégias para “prevenir e antecipar soluções”; “não perder tempo”, porque “tempo é dinheiro”. Expressões como “no time” e “slow time”, tempo percebido e tempo real, por exemplo, relacionadas à percepção de clientes acerca do tempo de espera para a resolutividade ou não de suas demandas junto às empresas, pressionam diversos setores a desenvolver modalidades mais velozes de relacionamento com o usuário como alternativa para preservar sua carteira de clientes.

De tal modo, a imposição – seja externa, seja autorreferenciada – de “otimizar” o próprio tempo, age em conjunto com o anseio pela agilidade e a avidez por novidades. O corolário desta conjuntura é que somos compelidos a não nos demorarmos mais que alguns instantes em cada ato; incitados a zarpar continuamente para a experimentação de realidades incipientes, não sendo afetados profunda e singularmente por nenhuma delas. Isso nos faz recordar o modo como Duarte (2010, p.13) caracteriza tal fluxo: uma “superficialidade atordoada e ambígua do homem moderno diante de seu próprio tempo”.

Se, de outra feita, procedemos à tentativa voluntarista de esforçar-nos para evitar tal condição, terminamos por atestar, cedo ou tarde, conforme Bauman, que “todos estamos, a contragosto, por desígnio ou à revelia, em movimento [...] mesmo que fisicamente imóveis”. Levando-se em consideração o ritmo frenético das mudanças da era globalizada, segundo o autor, “não se pode considerar a imobilidade como uma opção realista” (Bauman, 1999, p.6). Nem mesmo o pensamento escapa a essa imposição voraz. Ele é, igualmente, conclamado a dar-se de modo “proativo” e fundamentado no utilitarismo. Em razão deste pragmatismo absolutista, o pensamento é levado a operar de modo a conduzir a ação humana para a perpetuação de um *status quo maquínico* e destituído de busca de sentido, ou seja, de uma orientação existencial em que se experimenta os elementos da vida cotidiana de modo articulado, de modo tal a possibilitar uma sensação de enraizamento e pertencimento, dentro de um contexto geral de mundo. O filósofo também salienta que o frenesi contemporâneo se tornou, até mesmo, uma das “necessidades reais para muitas pessoas, cujas mentes deixaram de ser alimentadas por outra coisa que não mudanças repentinas e estímulos constantemente renovados [...]”. E conclui: “não podemos mais tolerar o que dura, nem sabemos mais fazer com que o tédio dê frutos” (Bauman, 2001, p.7).

Em movimento oposto a essa empreitada cega, Heidegger (1929/2003, p. 99) pondera sobre a intolerância e fuga do tédio, sugerindo não nos “colocarmos em contraposição a ele [...] não reagirmos sempre imediatamente para nos protegermos, [dar-lhe] muito mais espaço... deixá-lo ressoar... em função de uma aproximação... de nós mesmos enquanto um ser-aí”. Sébastien Charles (conforme citado por Lipovetsky 2004, p.34) acerca dos “tempos hipermodernos”, explicita uma ideia convergente com o pensamento heideggeriano:

O funcionamento do mundo liberal, que gera mais lucro, mais eficiência e mais racionalidade, parece justificar os receios de Heidegger, o qual, a respeito da técnica, denunciava uma deturpação de seu sentido em favor de uma “vontade de vontade”, uma dinâmica do poder que se alimenta de si mesmo, sem outra finalidade além de seu próprio desenvolvimento [...] tendo como única finalidade seu próprio domínio sobre os homens e as coisas e, em última análise, produzindo este mundo fanático da técnica e do desempenho que é o nosso.

Cientes já do fato de que Heidegger não condenava a técnica, em absoluto, mas decisivamente contestava os efeitos de seu uso irrefletido, podemos pensar que o filósofo aponta-nos um caminho original: não se permitir subjugar pela ocupação desenfreada, mas deixar ressoar o tédio enquanto espaço de compreensão de si próprio e de questionamento dos rumos a que nos tem conduzido o fazer pelo mero fazer. Este pode se dar na consecução de qualquer atividade humana, uma vez que não se restringe a um comportamento específico, mas diz respeito a um modo de fazer – um fazer compulsivo, cuja tônica não é de fato o que se está executando, mas o preenchimento de um vazio intolerável; de um espaço em que não se suporta o contato consigo próprio e que é ocupado para abafar um mal estar latente. Deste modo, acolher o espaço de liberdade que a disposição afetiva do tédio pode efetivamente prover é condição de possibilidade para refletir mais detidamente sobre nossa atitude natural cotidiana diante da proposta de hegemonia da técnica em nossos dias.

## **O Gerenciamento do Tempo na Contemporaneidade: Metodologias, Efeitos e Perspectivas**

As metodologias empregadas nos processos de “gerenciamento” do tempo, enquanto práticas “técnico-científicas” podem, até certo ponto, serem consideradas “modernas”. No entanto, os elementos propulsores do manejo e controle da vida subjacentes a tal fenômeno não representam propriamente novidade e,



ao cabo, denotam um modo típico e singular de vivência com o tempo, próprio da concepção de homem que vigora em nossos dias. Representa, por outro lado, um ativismo consagrado pela comunidade e derivado, entre outros, da ausência total ou parcial de reflexividade, que “apossa-se” do tempo tal qual uma indústria se apropria de um insumo qualquer para a produção de um bem ou produto e, a seguir, busca negociá-lo, ensejando na coletividade a urgência de “usá-lo” bem, de modo “eficaz e eficiente”. Do contrário, alardeia-se que o “mau uso” ou “desperdício” do tempo traria prejuízos irremediáveis para o sujeito – ainda mais nos tempos hodiernos, quando se instala uma concorrência desmedida na elipse produção/consumo. Gerenciar o tempo e prover meios para destacar-se passa a ser condição indispensável para ocupar um lugar socialmente privilegiado, uma vez que posições de destaque, neste universo, são conferidas apenas a uns poucos.

Em razão de tanta “opressão” por desempenho (e, neste caso específico, pode-se constatar o fato facilmente em diversos exemplos e anúncios na internete, a partir de buscas com as expressões gerenciamento do tempo e administração do tempo), deparamo-nos com inúmeros relatos de culpa e arrependimento relacionados a este quesito: sentimentos de menos valia, inadequação, sensação de perda, fracasso e “desvantagem” em relação aos que “souberam administrar melhor” o “produto” tempo (como, por exemplo, entre muitos outros, em <http://www.produtividadeninja.com.br/aula-rapida-sobre-gerenciamento-de-tempo/>). O disseminado fenômeno do “gerenciamento do tempo” é emblemático nesse sentido, bem como seus muitos desdobramentos e *slogans* similares: “administre eficazmente seu tempo”; “combata o fantasma da ociosidade”; “faça mais em menos tempo”, entre outros. Estas máximas invadiram as livrarias e a mídia: em entrevistas, artigos e reportagens que funcionam como chamariz para a promoção de incontáveis cursos e palestras, ofertados por diferentes estabelecimentos de ensino; professores autônomos com formações e qualificações diversas, palestrantes, *youtubers*, *coachers*, profissionais ou não, que extraem, da oferta de tais promessas, um grande filão financeiro.

O discurso que abriga tal concepção possui, quase invariavelmente, um caráter motivacional, expresso com palavras de ordem: “filosofias” do sucesso, pensamentos positivos, bordões motivacionais que defendem a tese de que compete ao homem manter o controle sobre todos os fatores intervenientes de sua vida, a expensas de uma resiliência sobre-humana, aparentemente cega aos elementos factuais e inexoráveis da existência; corolário de uma pseudopedagogia que arroga para si a proposta metodológica de gestão do ingerenciável<sup>2</sup>.

Tais propostas constituem-se, no geral, de “métodos, técnicas e estratégias” que asseveram a possibilidade de coordenar diferentes atividades dentro de um tempo milimetrado. Sugerem-se desde as já antigas e tradicionais listas, agendas, arquivos numerados e avisos “taticamente” posicionados, quanto a utilização de engenhocas desenhadas exclusivamente para este fim (por exemplo, a técnica pomodoro, elaborada por Francesco Cirillo no final dos anos 1980 para gerenciar o tempo e que consiste na utilização de um cronômetro em formato de tomate). O dispositivo prevê pausas a cada 25 minutos na rotina de trabalho o que, supostamente, tornaria a produção ainda mais eficiente. E não faltam no mercado *softwares* sofisticados para esse fim; além de inúmeros outros mecanismos e propostas que desconsideram peculiaridades, exceções e complexidades de uma gama variada de situações e atribuições de significados singulares, próprias da facticidade existencial (que diz do modo de ser próprio do homem, de sua condição de estar lançado no mundo). Partem, quase invariavelmente, de uma perspectiva de normatização da vida, regulação e restrição tanto de atividades menos “prioritárias ou importantes” como de relacionamentos interpessoais. Conforme Duarte (2010, p.13) observa:

dando ensejo ao mundo frenético em que vivemos cotidianamente, sempre às voltas com mil atividades e ocupações para as quais sequer temos tempo suficiente para começar a dar conta delas [...] as relações do homem com o homem e com os demais entes se dão com e por meio das exigências e imperativos da ciência e da técnica.

O *marketing*, parceiro deste frenesi, habitualmente faz uso de figuras caricatas: relógios que criam asas e saem voando, ampulhetas cuja areia escoar-se rapidamente, deixando atrás de si pessoas com ares de desespero ou desalento; entre outros. Apelativamente, arrematam tais cenas com *slogans* que dizem respeito a interrogações que de fato fazemos a nós mesmos, imersos que estamos nesta espiral de exigências e demandas cotidianas. Diante delas nos angustiamos e para elas buscamos “soluções científicas eficazes”, impostas subliminarmente pelos ditames da Era da Técnica. Questões como “Você sente que seu tempo não tem rendido o suficiente?” ou “Você tem a sensação de que os dias estão passando cada vez mais rápido e que não há nada que possa ser feito para reverter essa situação?”

Feitas tais incitações que beiram o óbvio, oferecem-se soluções que se constituem, invariavelmente, de um conjunto de estratégias muito similares entre si, independentemente do gênero: cursos presenciais e online, reportagens, palestras, literaturas, vídeos, artigos. Os exemplos a seguir foram retirados aleatoriamente de uma busca geral na internet (como, por exemplo, em <https://blog.runrun.it/administracao-do-tempo-tecnicas-aprovadas/> e <https://jornaldoempreendedor.com.br/destaques/lideranca/5-tecnicas-de-gerenciamento-do-tempo-que-valem-a-pena-usar/>), a partir de palavras-chave (gerenciamento, administração e otimização do tempo). Após chamadas alvissareiras do tipo: “Separamos cinco



dicas para mudar a sua percepção de produtividade” ou “Administração do tempo no trabalho: Dez técnicas testadas e aprovadas”; seguem-se recomendações mandatórias do tipo:

- 1) Preveja o imprevisto (fazer uma administração do tempo “imbatível” é antecipar pequenos espaços para as interrupções no seu planejamento);
- 2) Ene-a-ó-til: Diga não!
- 3) Cinco minutos mais cedo é pontual. No horário, você está atrasado. Atrasado é inaceitável;
- 4) Estabeleça prioridades;
- 5) Delegue responsabilidades;
- 6) Evite reuniões;
- 7) Fuja das distrações;
- 8) Bloqueie o seu tempo.

A oitava recomendação, no anúncio em pauta, estabelecia ainda uma consideração: “Perdemos grande parte do nosso tempo [...] Se você colocar o seu calendário antes de você e bloquear tanto tempo quanto possível, com a maior antecedência, então você pode deixar apenas uma pequena quantidade solta. Ao fazer isso você impede as demandas de outras pessoas de atrapalharem a sua rotina”. Causou-nos estranheza as expressões “bloqueie seu tempo”, “deixar uma pequena quantidade solta”, etc; especialmente quanto à ininteligibilidade do que quer que essa “assertiva” quisesse propor, efetivamente.

De outra feita, considerando o grande volume de instruções contidas nos livros, cursos, palestras etc, que ensinam a gerenciar o tempo, poder-se-ia cogitar se o tempo despendido na implementação de tais regras (autocontrole, autovigilância, anotações etc) redundariam em “economia” ou “desperdício” de tempo, uma vez que representam ocupação adicional. Mesmo considerando que praticamente todos os anúncios e tutoriais assegurem ser possível prever e manejar imprevistos, parece inevitável não pensar no esforço hercúleo que se torna necessário fazer no intuito de “acondicionar” cada ocupação específica em um compartimento de tempo adequado, de modo tal que nenhuma delas seja desconsiderada e nem um minuto sequer fique desocupado; portanto, perdido.

As teses que postulam o gerenciamento do tempo como a salvação para a boa vida do homem não abandonaram o espaço para o descanso, desde que previamente agendado e não como um fim em si. A pausa seria permitida como uma espécie de bonificação para os que conseguiram, nesta maratona, cumprir sua escala de “prioridades” (termo reiteradamente mencionado em tais programas e que representa um de seus maiores pilares)<sup>2</sup>. A concepção de “tempo”, neste cenário, parece assemelhar-se à de um compartimento físico no qual as ocupações devam ser posicionadas por ordem de relevância e, a seguir, executadas na mesma ordem. À ocupação, portanto, o tempo deveria se curvar. Sobre isto, Heidegger propõe-nos uma reflexão. Ele esclarece que o tempo é exterior às coisas:

Ele passa por cima das coisas, como a enxurrada por cima do cascalho; talvez nem sequer assim, porque, no movimento das águas, as pedras saem do lugar, esfregam-se umas nas outras e ficam polidas. Mas o fluxo do tempo deixa as coisas sem serem molestadas. (Heidegger, 1962/1992, p.30,31)

Defrontamo-nos aqui com a percepção de que as coisas não estão em relação de superioridade ao tempo; “algo” funcional a serviço da ocupação, como mero receptáculo para ela. Neste ponto específico, ainda que em contexto bem diverso e apartado do tema de nossa discussão, não há como deixar de lembrar certa passagem de *Seminários de Zollikon*. Nela, um jovem explicita sua vivência de privação, dita esquizofrênica, que bem poderia ser uma metáfora para modo cotidiano, igualmente esquizofrênico, de vivenciar a temporalidade: “A gente fica entregue à observação do relógio e perde o fio para consigo mesmo” (Heidegger, 1987/2009b, p.84).

Para a crítica heideggeriana o tempo definitivamente não é “algo” funcional a serviço da ocupação. Quanto a isso, no contexto de nossa investigação e, em especial, sobre as técnicas de manejo e controle do tempo e seus impactos na vida humana, uma iniciativa do Departamento de Defesa dos Estados Unidos é bastante ilustrativa. Arriscamo-nos a pensar, de posse do conhecimento de tal empreitada, que a ênfase na lucratividade chegou a patamares que, dentro do raciocínio da cotidianidade mediana, descartando visões fictícias e futuristas, poucos de nós poderíamos conceber que chegasse. Trata-se de um estudo que representa, de fato, um exemplo limite, e vem narrado na obra “24/7 Capitalismo Tardio e os Fins do Sono”, da qual mencionamos alguns fragmentos:

[a] actividade cerebral do chamado pardal de coroa branca durante as suas migrações possui a extraordinária capacidade de permanecer acordado ao longo de sete dias consecutivos durante a migração, o que lhe permite voar e navegar durante a noite e procurar alimentos de dia, sem descansar. O Departamento de Estado Americano e as diversas universidades com as quais se associou neste inaudito empreendimento esperam poder obter conhecimentos aplicáveis aos seres humanos e descobrir como

<sup>2</sup> Observações feitas após análises de variados cursos de gerenciamento do tempo, encontrados em distintos sítios da internet.



é que as pessoas podem ficar sem dormir e funcionar de modo produtivo e eficiente. Tendo em conta que a maior parte das necessidades da vida humana se transformou em mercadoria ou investimento convertíveis em valores de mercado, o sono constitui a grande e intolerável exceção a essa mercantilização e financeirização integral do tempo vivido: «O sono é um hiato incontornável no roubo de tempo a que o capitalismo nos submete [...] uma necessidade humana [...] um intervalo de tempo que não pode ser colonizado nem submetido a um mecanismo maciço de rentabilidade – e desse modo permanece uma anomalia incongruente e um foco de crise no presente global. Apesar de todas as pesquisas científicas feitas nesta área, frustra e confunde qualquer estratégia para o explorar ou redefinir. A espantosa e inconcebível realidade é que nenhum valor pode ser extraído do sono [...] O objectivo declarado (e descartado) desta tentativa de controlo sobre o sono humano é a criação de um «soldado que não dorma». As colossais quantidades de dinheiro que o complexo científico-militar americano tem vindo a aplicar em estudos sobre a privação do sono e em testes experimentais de técnicas de privação do sono e estimulação da vigília têm um fim claro: reduzir a necessidade de sono do corpo humano e criar assim o «soldado que não dorme» que, por sua vez, configuraria o «trabalhador sem sono» e o «consumidor insone». Não sejamos ingénuos: a história mostra-nos frequentemente que as inovações científicas e tecnológicas relacionadas com a guerra são inevitavelmente assimiladas e incorporadas na esfera económica e social. A progressiva e sucessiva privação do sono nesses «sujeitos de interesse» que são os indivíduos enquanto «agentes económicos» é, por assim dizer, o sonho glorioso dos mercados que actuam em «regime 24/7» (Crary, 2016, p. 1-3; 10-11).

O relato acima nos permite reafirmar, uma vez mais, a atualidade do pensamento heideggeriano, no tocante à preocupação com o destino do ser diante da ditadura da técnica. O perigo aumenta quando, tomados por ela, julgamo-la neutra, tornando-nos cegos diante de seus efeitos e fins a que se destinam.

## Temporalidade e Sentido sob a Perspectiva Existencial

Em contraponto à visão matemática e instrumentalizada da medição do tempo; no cerne das tentativas de revisão dos pressupostos e bases metafísicas, Heidegger volta o curso do pensamento para a decisiva pergunta sobre o sentido do ser no horizonte da temporalidade. Tal preocupação já aparecia de forma embrionária muito antes de *Ser e Tempo*, conforme o próprio filósofo esclarece, nesta mesma obra, quando alude a uma aula dada por ele na Universidade de Freiburg em 1915, e que veio a se tornar um texto, impresso em 1916, ao qual deu o título de “O conceito de tempo na ciência histórica”. Naquele texto ele diz: “Enquanto se mede o tempo [...] na Física [...] determinamos uma quantidade [...] Fazemos na escala temporal em certo modo um corte, destruímos com isto o verdadeiro tempo em seu fluir e o paralisamos” (1915/2013, p.366). Dito de outro modo, se na Metafísica a discussão sobre a questão do tempo encontra-se distanciada da análise da existência fática, e atrelada a alguma determinação previamente dada; na hermenêutica heideggeriana ela deve ser compreendida dentro da facticidade do *Dasein*. Nela, a temporalidade surge como elemento fundamental da compreensão do horizonte do ser. Neste ponto, retomamos a ideia de Heidegger (1927/2009a, p. 422- 423), quando diz:

Numa primeira aproximação e na maior parte das vezes, o ser-no-mundo compreende-se a partir daquilo de que se ocupa. O compreender impróprio projeta-se para o que é passível de ocupação e feitura, para o que é urgente e inevitável nos negócios dos afazeres cotidianos [...] Primariamente, a presença não vem-a-si em seu poder-ser mais próprio e irremissível, mas é em se ocupando que a presença aguarda a si mesma, a partir do que lhe proporciona ou recusa aquilo de que se ocupa [...] E somente porque de fato a presença aguarda o seu poder-ser, a partir daquilo de que se ocupa, é que ela pode esperar e tecer expectativas (1927/2009a, p. 422- 423).

Observa-se, assim, que tal modo de existir, que se determina enquanto produção; faz parte da atitude cotidiana constitutiva do *Dasein*. E a apropriação desta, com vistas a fomentar o capital, de algum modo, chancela o discurso que movimenta o marketing sobre o gerenciamento e o controle do tempo. A ciência e a técnica modernas somente se interessam pelos entes em sua possibilidade de cálculo, organização, planejamento e previsibilidade – os mesmos alvos que o gerenciamento do tempo se propõem alcançar. Sobre a relação entre o dito “bom uso ou gerenciamento” do tempo e a produtividade, podemos compreender, a partir do pensamento heideggeriano, que essa é também uma concepção alinhada com a atitude cotidiana, na qual todos estão imersos:

a ocupação cotidiana compreende-se a partir do poder-ser que lhe vem ao encontro num possível sucesso ou insucesso, relativo àquilo de que se ocupa. O compreender impróprio projeta-se para o que é passível de ocupação e feitura, para o que é urgente e inevitável nos negócios dos afazeres cotidianos (Heidegger, 1927/2009a, p. 423).



Com respeito a este modo de relação objetivante entre os entes, portanto, Heidegger reiteradamente enfatiza seu caráter “natural” e até mesmo a necessidade de sua ocorrência, se levada em consideração o fundamento pragmático que envolve nossa existência do ponto de vista ôntico. Ele trata disso, exemplarmente, nessa passagem, além de muitas outras: “Na temporalidade constitutiva do deixar e fazer em conjunto reside, de modo essencial, um *esquecer* específico. Para que, em estando “perdido no mundo instrumental”, se possa “realmente” pôr mãos à obra, o si-mesmo deve esquecer-se” (Heidegger, 1927/2009a, p.442).

Por sua vez, a disposição afetiva da angústia, experienciada na vivência da temporalidade, e que diz de perto da insuportabilidade de “ver o tempo passar”, sem “fazer nada”, parece-nos ter sido abordada pelo filósofo de forma ainda mais radical do seguinte modo:

Especificamente, o com quê a angústia se angustia vem ao encontro não como algo determinado numa ocupação. A ameaça não provém do que está à mão e do que é simplesmente dado, mas, sobretudo e justamente, de que tudo que está à mão e é simplesmente dado já não “diz” absolutamente nada. Não estabelece mais nenhuma conjuntura com o ente do mundo circundante. O mundo, no contexto do qual eu existo, afundou na insignificância [...] o aguardar da ocupação não encontra mais nada a partir do qual possa compreender-se (1927/2009a, p.429).

Assim, se de certa feita angustia o homem ter *perdido* tempo por aquilo que julgou desnecessário ter sido *feito*, e ou pelo que se considerava importante ou prazeroso *fazer* e que não foi levado a efeito; por outro, o angustia igualmente o tempo presente e o porvir, pela possibilidade de cobrar-lhe seu usufruto: o que *fazer no agora* para não pressentir, no *depois*, que se viveu em vão. Quer esse homem, assim, respaldar-se, no presente, de um porvir sem dissabores – o que tenta obter com o uso de estratégias que lhe facultem o máximo de controle e garantias. É o que se percebe em chamadas de *marketing* tais as que mencionamos anteriormente, que prometem ensinar a controlar e “otimizar” o tempo para que ele não escoe.

Diante desse aparente paradoxo, que se nos afigura como um impasse, a questão perturbadora parece residir, primordialmente, conforme o pensamento heideggeriano, no descompasso entre o pensamento calculador e a reflexão, a premência da medida e do controle em detrimento do sentido. A pertinência da reapropriação do pensamento meditante é a de que ele tudo justapõe e observa, revelando, de cada modo de pensar, incluindo o calculante, seu caráter e especificidade próprios. O filósofo atenta, exatamente por isso, para a análise permanente das implicações da supremacia do pensamento calculador sobre o destino do ser, dos perigos do pensamento raso e desprovido de reflexividade que impera em nossos dias. Nestes, o tempo no qual o processo historial do ser se desenrola, não escapa da obrigatoriedade de ser conformado em um objeto que se deva planificar, programar, medir.

Paci, na sua introdução à obra “¿Qué es Metafísica?”, de Heidegger, referenda o quão crucial e urgente é o tema. Segundo ele, a Heidegger coube o mérito de insistir sobre o valor da temporalidade como fundamento estrutural da existência (2019, p.14-15, 46):

A temporalidade é o sentido ontológico de nossa inquietude. O tempo é o processo primordial com que o existir sai de si mesmo, é a expressão ontológica da angústia e o fundamento do existir que sai de si mesmo e existe nele. É nesta pura temporalidade onde a existência se realiza, onde se historiciza. E este tempo é o fundamento originário (*Ursprüngliche Zeit*).

A relação indissociável entre o sentido de todas as coisas e a temporalidade também é explicitada em Casanova, que articula a experiência de crise no mundo contemporâneo ao fenômeno da vivência do tempo. Afirma ele que “se conseguíssemos suprimir por um único instante que fosse a presença temporal do mundo, nada mais apareceria e não seria mais possível falar nem mesmo sobre uma indiferença radical em relação a todas as coisas” (Casanova, 2013, p.12). O fato de que o tempo, separado da temporalidade original do *Dasein* é nada, indicaria que somos corresponsáveis por, a partir da nossa finitude, desvelarmos seu sentido. Corroborando tal assertiva, Alweiss (2002, p.122) aponta que, ao realocar o sentido do tempo a partir da finitude e não da eternidade enquanto condição de possibilidade do ser, Heidegger radicaliza a noção de liberdade e responsabilidade.

Sá (2003, p.3) por sua vez, aponta que o esquecimento representa a “contraparte inseparável da aceleração característica do projeto de exploração e controle que determinam o mundo contemporâneo” e que é preciso “buscar as raízes desse acontecer na própria dinâmica histórica de desvelamento e velamento de sentido à qual o ser do homem encontra-se apropriado”. E Duarte alerta que esse esquecimento que afasta o homem do sentido mais próprio de seu ser, para Heidegger, não é “um acontecimento isolado e desprovido de implicações éticas e políticas para nossa existência cotidiana” (2010, p. 18).

Creditamos a premência desta reflexão, portanto, ao conhecimento das implicações que a expropriação contínua e cotidiana do sentido da temporalidade pode vir a ocasionar, comprometendo e ou restringindo as possibilidades de uma existência mais plena e saudável. Estamos todos, pois, de igual modo, em meio à dinâmica da constituição e preservação da qualidade da vida humana, diante da imperiosa interrogação que se nos impõe fazer sobre o compromisso impreterível do homem consigo mesmo e com



o outro. Enquanto atores sociais, isto se fará à medida que se atenta para as consequências psicológicas, políticas e éticas que as premissas subjacentes à proposta do “gerenciamento do tempo”, tais como se afirmam na Era da Técnica, reverberam.

## Considerações Finais

Conforme a perspectiva heideggeriana, vivemos em uma era na qual prevalece a visão tecnicista da vida. Tal ótica encontra-se alicerçada em um ideal que assegura que tudo pode ser submetido à lógica do controle, da produção e da eficácia. O “tudo” em questão parece abarcar até mesmo a temporalidade, à medida que tal cientificismo propõe pensar o tempo a partir dos mesmos parâmetros de exatidão e controle utilizados como referência para tratar de qualquer outro produto ou objeto. Este modo de relação denuncia o esquecimento do ser de si mesmo e da compreensão do quanto se está imerso em uma historicidade fluida que, não subjugando-se àqueles mesmos parâmetros; antes, ensejando a abertura para um constante vir a ser, mais autêntico e livre, confere sentido ao tempo enquanto espaço de criação e projeto existencial. Em detrimento de tal experiência, que privilegia a busca pelo sentido último, o que parece vigorar é um modo de ser aprisionado à urgência de um permanente fazer automatizado e pré-determinado, que visa atender apenas a prescrições sedimentadas no cotidiano impessoal, ditado por agentes sociais reguladores e contingências técnicas de manejo e controle da realidade.

Neste horizonte, o acesso a significados mais próprios, originários e constituintes do humano (os que o ser-aí pode descerrar, liberando mundo como espaço de abertura para as múltiplas possibilidades de ser) torna-se cada vez menos provável. Por derradeiro, o que se desvela à nossa frente, à medida que se toma como óbvio o cumprimento compulsório da prescrição de gerenciar o tempo, ditado pelo modo de vida atual, é um cenário fértil para o adoecimento físico e psíquico, com impactos deletérios e desagregação social na comunidade como um todo.

A despeito das críticas aos procedimentos utilizados naturalmente pela ciência (entre outras; a de ocupar-se dos entes com base exclusivamente em sua funcionalidade, como seriam as metodologias propostas para o controle e subjugação do tempo, submetidas aos propósitos do domínio da técnica), Heidegger explicita frequentemente (por exemplo, em passagens já citadas por nós, como em Heidegger, 1927/2009a, p.442 e Heidegger, 1952/2006, p.115) que a correlação entre a ciência e tais práticas é intrínseca, tendo em vista seus objetos e intuítos. Postula a legitimidade do que está posto pela cotidianidade mediana, incluindo aí o pensamento calculador, de extremado valor em seu contexto. O que o filósofo pretende não nos deixar olvidar é que este é apenas um modo possível de desvelamento histórico e que o perigo de o tomar como exclusivo e superior é assegurar-lhe um senhorio definitivo, do qual não se possa mais libertar-se: uma subserviência em que não haja diferença entre o ente e o ser.

Por conseguinte, o pensamento heideggeriano nos permite atentar para o quadro em que, atendendo aos ditames da cotidianidade, colocamo-nos em reiterada posição de fuga tanto de nós mesmos quanto do outro, ocupados por demais em competir pelos melhores pódios, com a maior quantidade de realizações no menor tempo possível. Enquanto isso, restringimos nossas possibilidades de relação com a temporalidade como fundamento estrutural da existência e com o outro, na mesma jornada. Preservar na lembrança os efeitos dessa conjuntura tecnicista, no entanto, já se configura como um possível disparador para novas reflexões e quiçá, como a aurora para modos mais livres de existência.

Não duvido ser verdade o que disse, como se fosse um oráculo, o maior dos poetas:  
“Pequena é a parte da vida que vivemos”.  
Pois todo o restante não é vida, mas somente tempo.  
*Sêneca, Sobre a Brevidade da Vida.*

## Referências

- Agostinho, S (2015) *Confissões*. Recuperado em 03.03.2015. Disponível em: <http://www.monergismo.com/santo-agostinho/confissoes/>
- Alweiss, L (2002). Heidegger and “the concept of time”. Em: *History of the Human Sciences*. Vol 15 N.3 (p. 117-132). London: SAGE Publications.
- Bauman, Z. (1999). *Globalização: As consequências humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Bauman, Z. (2001). *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.



- Casanova, M. A (2013). *Eternidade Frágil: ensaio de temporalidade na arte*. Rio de Janeiro: Via Verita.
- Crary, J. (2016) *24/7 Capitalismo tardio e os fins do sono*. São Paulo: Ubu.
- Duarte, A. (2010). *Vidas em risco: crítica do presente em Heidegger, Arendt e Foucault*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Heidegger, M. (1916). *El Concepto de Tiempo en La Ciencia Histórica*. Zeitschrift fur Philosophie Kritik. Leipzig (p.173-188). Extraído de aula ministrada em 1915, Faculdade de Filosofia da Universidade de Freiburg. Tradução de Elbio Caletti. Recuperado em 10.11.2013. Disponível em: [http://www.heideggeriana.com.ar/textos/concepto\\_tiempo\\_historico.htm](http://www.heideggeriana.com.ar/textos/concepto_tiempo_historico.htm).
- Heidegger, M. (1987). *Introdução à Metafísica*. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro (Original de 1935, republicado em 1953).
- Heidegger, M. (1992). *Que é uma Coisa?* Lisboa: Edições 70 (Original publicado em 1962, extraído de curso ministrado em 1935/1936 na Universidade de Freiburg).
- Heidegger, M. (2003). *Os Conceitos Fundamentais da Metafísica. Mundo, Finitude, Solidão*. Rio de Janeiro: Forense Universitária (Original publicado em 1929).
- Heidegger, M. (2006). O Que Quer Dizer pensar. Em: *Ensaio e Conferências* ( p.111 a 124). Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel e Márcia de Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes ( Original extraído de conferência de 1952)
- Heidegger, M. (2009a). *Ser e tempo*. Tradução de Márcia de Sá Cavalcante Schuback.. Petrópolis: Vozes (Original publicado em 1927).
- Heidegger, M. (2009b). *Seminário de Zollikon*. Em Medard Boss. Tradução de Gabriela Arnold e Maria de Fátima de Almeida Prado. Petrópolis: Vozes (Original publicado em 1987).
- Latour, B. (1994). *Jamais fomos modernos*. Rio de Janeiro: Editora 34.
- Lipovetsky, G. (2004). *Tempos Hipermodernos*. São Paulo: Barcarolla.
- Paci, E. (sem data) *Introdução*. Em: Martin Heidegger, *¿Qué es Metafísica?* (p 3-54). Traducción de Xavier Zubiri. Disponível em: <https://espanol.free-ebooks.net/ebook/Que-es-la-metafisica/pdf>. Recuperado em 19.
- Sá, R. N. de (2003). Contribuições para uma hermenêutica da desatenção e do esquecimento na existência cotidiana. Em: Maluf, Ued (org). *Epistemologias não Ordinárias: paradigmas alternativos em ciências humanas e sociais*. Vol 1 (p.135-146). Rio de Janeiro: Booklink.

Recebido em 11.11.2019 – Aceito em 15.01.2020